

## Apresentação

Helen de Castro Silva

Maria Helena T. C. de Barros

**Como citar:** SILVA, H. C.; BARROS, M. H. T. C. Apresentação. *In:* SILVA, H. C.; BARROS, M. H. T. C. (org.). **Ciência da Informação:** múltiplos diálogos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. v-viii. DOI: <https://doi.org/10.36311/2009.978-85-60810-16-1.pv-viii>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## Apresentação

Parece-nos que ainda não houve distanciamento suficiente, inclusive no tempo, para podermos avaliar o impacto que a informação, em suas “novas roupagens”, ocasionou nas últimas gerações e nas sociedades atuais, com repercussões futuras, de contorno ainda difuso.

Em nosso entender, essas roupagens decorrem de novos recursos, novos enfoques, novas técnicas, novas dimensões, novas necessidades, novos aparatos, mas, fundamentalmente, de novos conceitos e, conseqüentemente, de novas abordagens e novos ângulos de análise sobre os modos de uso e de aproveitamento.

Todavia, pela crescente aproximação das áreas do conhecimento que têm como matéria-prima comum à informação, um diálogo mais consistente começa a ser produzido (embora ainda rarefeito), seja através da troca informal de pontos de vista, de publicações, de reuniões científicas/acadêmicas, de projetos sociais e de pesquisa, muitas vezes marcados por elementos do processo quase inevitável da globalização.

Assim, modificam-se as condições para o processo, bem como o contexto em que ele se dá, o que suscita também novas cogitações e preocupações a respeito, tanto por parte dos agentes, quanto daqueles que se acham envolvidos com a informação, na qualidade de afetados por ela.

Desde o aparecimento do homem no mundo, a informação sempre existiu e foi trocada, independentemente do conteúdo e do nível; entretanto, a ênfase sobre ela em si pode ser percebida com mais força quando, já no século XX, as tecnologias de informação e comunicação tiveram significativa difusão e alcance, de grandeza relativa comparável à da época da chamada invenção da imprensa, como fator de aceleração do conhecimento/do desenvolvimento em todas as direções.

Tem-se, mesmo hoje, um “construto” (sempre inacabado) da teoria e da prática da informação, com implicações que envolvem aspectos diversificados e resultam em pensamentos e constatações geradores de facetas provocadoras das reflexões, quer individuais, quer coletivas, e que criam o universo fervilhante e intrincado do conhecimento identificado como área da Informação, em suas várias sub-áreas, e aparentemente estanques apenas enquanto estrutura formal ou esquema.

O cabedal de informações acumulado ao longo da existência do homem, com implicações culturais obviamente (não são naturais), implica tanto as questões da memória quanto as do registro e dos suportes onde a informação é registrada, de acordo com as possibilidades permitidas pelo momento histórico e pelo contexto criado pelas circunstâncias nele imbricadas.

Esse cabedal é entendido como um patrimônio da humanidade (ou de um grupo social) e, nessa condição, é uma herança ou um legado vindo dos antecessores e a ser transmitido aos pósteros. Como tal, ele é passível de acréscimos, de perdas e de “apagamentos”, às vezes misteriosos ou mal explicados. Acidentes naturais ou eventos funestos podem ser responsáveis pelas retrações desse patrimônio informacional precioso que, embora não seja sinônimo do conhecimento acumulado, muitas vezes se confunde com ele. Todavia, a mente humana também é responsável por outras tantas racionalizações e informações fortuitas que se somam ao patrimônio informacional previamente existente, dinâmico por excelência.

Ora, informação, de uma maneira simplista, pode ser entendida como informe, dado, notícia acerca de alguém ou de algo, que se erige em patrimônio à medida que vão sendo estabelecidas conexões cumulativas, embora passível daquele de perdas e acréscimos, conforme observado acima. Entretanto, alguns aspectos devem ser levados em consideração, entre eles a questão da materialidade da informação, o quê, de certa forma, facilita o processo de sua apreensão, em termos teóricos. Se a informação é objeto de interesse e de estudo das várias áreas do conhecimento que se articulam num diálogo sob o amplo tema da informação, cada uma dessas áreas estabelece o seu próprio “olhar” e, ao descrevê-lo, está contribuindo para alargar e melhorar a visão que se possa ter do objeto em apreciação. Nesse sentido, as discussões mais recentes, como contribuição de áreas entrecruzadas com as ciências consideradas consensualmente como específicas da informação, vieram mostrar que ela existe de forma intencional (algo existe para funcionar como informação e, em geral, reveste-

se de uma materialidade ligada a som, texto e imagem). Por outro lado, a noção de monumento permite que se extraia dali um volume grande de informações, nem sempre intencionais, mas que aproximam os que dele se acercam de uma possível verdade, qual seja a do autor e de seu contexto.

Não intencional, também, pode ser considerada a informação arrolada sob o chamado patrimônio imaterial, ainda debaixo de discussões sobre sua configuração, e independente de intenção e da matéria de que se revista. Não intencional, porém, até que seja coletada, organizada tecnicamente e dada ao acesso e à circulação.

Como patrimônio material ou imaterial, a herança recebida ou o legado a ser deixado em termos de informação (fator potencial de conhecimento) dependem não só da memória para se constituir, envolvendo imaginário, valores, cultura, etc., mas também da preservação que lhe seja dedicada, inclusive da segurança vigilante e adequada a cada caso ou evento. Como exemplo, um dos continentes de informação – o livro, tem sido objeto de desejo dos homens por séculos, e, ainda hoje, desperta interesse, curiosidade e cobiça quando entra e é enquadrado na categoria de livro raro. Há critérios para esse enquadramento, que não se limitam apenas ao de antiguidade e que, se aplicados adequadamente, poderiam evitar não poucos equívocos e/ou decisões carentes de fundamentos abalizados.

No conjunto das convencionadas áreas do conhecimento ligadas especificamente à informação, o vínculo entre elas fica cada vez mais evidenciado; todavia, certas interfaces vão-se estabelecendo e outros aportes, antes insuspeitados e/ou pouco nítidos, põem em evidência elementos importantes para reforçar conceitos e implicações advindos de áreas ou nichos menos usuais, formando novas “pontes” nessa rede de conexões com a Ciência da Informação. É o caso, por exemplo, da Literatura, cujos conhecimentos, no dizer de Barbosa,<sup>1</sup> poderão ajudar “os responsáveis pela circulação do saber a entender que muitas vezes, na ausência de dados concretos na obra ficcional ou explicitamente desnudados haverá sempre sentidos ocultos e manifestações estéticas a serem buscados...”, pois que aqueles que demandam informações e direcionamentos podem encontrá-los em textos desprovidos de obviedade nesse sentido, como é o caso dos textos literários.

---

<sup>1</sup> Ver BARBOSA, S. A literatura e a Ciência da Informação, p.125, nesta mesma obra.

Contudo, a área da informação depende concretamente de políticas públicas para o seu desenvolvimento, em termos estruturais eficientes, seja em âmbito nacional, seja em âmbito internacional. Mais do que nunca, a informação é estratégica, quer em tempos de paz e normalidade, quer em tempos de guerras e outros conflitos; até por isso, debaixo das políticas públicas, as estruturas da área da informação devem contemplar abrangências e patamares diversos, envolvendo tanto o todo quanto as partes que sejam contidas pelo todo, ora grandes massas, ora pequenos grupos, sem criar ou acobertar fragilidades no setor, o qual atinge certamente a cultura, antes de mais nada. Como elemento reconhecido de transformação, a informação pode revelar aspectos positivos ou negativos em seus resultados, daí a necessidade de ser tratada com zelo, atenção e competência.

Na prática, para que se transforme em conhecimento, a informação passa antes pelo acesso a ela, cujas possibilidades, obviamente, dependem das condições e da qualidade do acesso para que possam ocorrer a transferência e o aproveitamento da informação disponível. Nos tempos informacionais que vivemos na atualidade, conhecidos como da sociedade do conhecimento, novas abordagens na organização, no acesso e na transferência de informação precisam ser levados em conta pelos profissionais, que se vêem às voltas com uma miríade de novas tecnologias de informação e comunicação, de novas fontes, novos suportes, novas dimensões e novos planos, mesmo que, porventura, continuem dizendo respeito a texto, som e imagem.

A dinâmica do mundo informacional, embora fincada no baluarte dos velhos princípios, apresenta novas abordagens, como se pode ver, que demandam novas posturas e reconsiderações principalmente por parte dos responsáveis pela formação e pela educação continuada dos profissionais da área da informação. Nesse jogo de tabuleiro, os tempos atuais demandam prospecções, pró-atividade e “insights” dotados tanto de critérios prudentes quanto de ousadias: um olho voltado para o “aqui e agora” e o outro para o futuro, que já tem um pé no presente e não pode esperar.

HELEN DE CASTRO SILVA  
MARIA HELENA T. C. DE BARROS